

OUTUBRO

# © RISO

Preço  
\$200

№ 74  
R







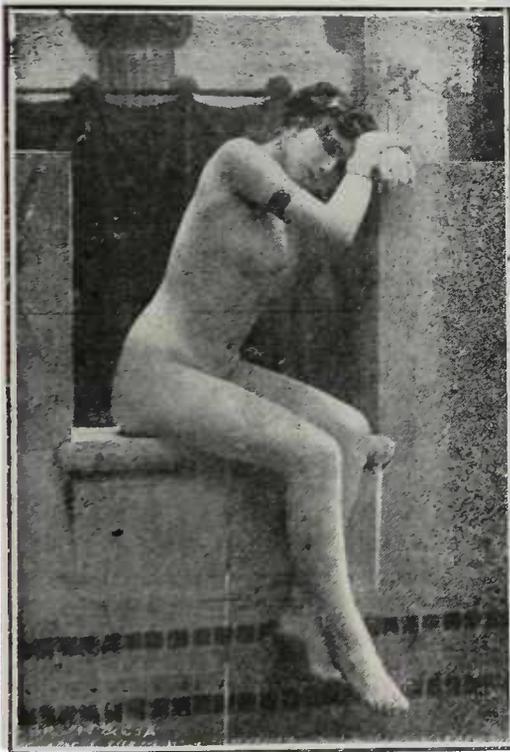
# Risa

Semanario artistico e humoristico

NUM. 74

Propriedade: A. Reis & C.

ANNO II



## CHRONIQUETA

O assunto principal da semana foi, como não podia deixar de ser, a partida em regra pregada pelo eclipse á população e aos astrónomos daquém e dalém mar, que ficaram mesmo a vel-o por um oculo...

Na verdade, foi pena que o pandego se eclipsasse, porque no fim de contas sempre havia de ser um espectáculo original ver a gente o sol coberto pela lua... Sim, devia ser mesmo interessantissimo esse fenomeno... e era realmente digno de ser observado!

A lua cobrindo o sol!... O'! que maravilha!...

Infelizmente, como se viu, a maldita chuva entendeu de futricar tudo, e no melhor da festa, isto é, justamente no momento da cobertura do astro-rei pela *astra-rainha*, *zaz!* despencou por ai abaixo, interceptando aos olhares ávidos aquela originalissima *xifopagia* astral...

Agora, nós, que não somos astrónomos (seremos quando muito excelentes *gastrónomos*) já previamos esse insucesso desde que se annunciou a vizita de s. ex. o Marechal á Passa Quatro. E foi dito e feito: bastou que s. ex. para lá fosse com aquela enorme comitiva para enca-bular tudo e não se poder observar nada!...

E dai, quem sabe si o eclipse temeu tambem o tacão da bota e o rebenque de s. ex?...

\* \* \*

Outro assunto de importancia, embora não pareça, foi a declaração feita pela nossa grande coléga *A Tribuna*, de que o bravo general gaúcho e muito ilustre senador Pinheiro Machado, não é candidato á presidencia da Republica no proximo quadriênio.

Será exáto isso? Estará porventura s. ex. disposto a abandonar a politica? E', pelo menos, o que se depreende daquela declaração...

Não, não é possível! Demais, s. ex. já está tão acostumado a ser presidente... de varios partidos, que muito difficil lhe será agora condenar-se ao ostracismo...

\* \* \*

Os pedreiros, que de ha muito andavam com a pedra no sapato por causa das horas do trabalho, entenderam afinal que isto de trabalhar de sol a sol é trabalho p'ra burro e não p'ra gente, e fizeram gréve, dispostos a não trabalharem mais de oito horas por dia.

# O Riso

Fizeram eles muito bem. Assim mesmo é que é. Lá porque são operarios não quer dizer que sejam mouros de trabalho, e portanto andaram muito direito tirando de uma vez a tal pedra do sapato...

Muito pouco exigem eles. Cá o dégas, si fosse operario, esperava o trabalho no primeiro canto escuro e dava-lhe um tiro para acabar-lhe com o canastro...

\* \* \*

A semana teve tambem uma data: o dia 12 de Outubro, em que se comemorou a descoberta da America por Christovão Colombo.

Eu disse comemorou, mas a verdade é que não foi comemorada coisa alguma. Apenas o comercio fechou *voluntariamente* as suas portas, as repartições publicas não funcionaram e... nada mais.

Não vejo mesmo razão para mais! Colombo descobriu uma America? Ora, quantas Americas terão sido por aí descobertas... e ninguem se lembra de comemorar tal coisa...

Si fossemos a isso, tambem eu tinha direito a ter o nome na historia, porque mais de uma America já eu descobri!..

\* \*

Já reparou o leitor na maneira franca porque se joga atualmente nesta Capital? E' pasmoso! Simplesmente pasmoso!

Não ha rua, beco ou villa onde não haja pelo menos meia duzia de tavolajens, em cujas portas se encontram quasi sempre umas caras patibulares atraindo os incautos, e anunciando em altas vozes: — "A entrada é franca, meus senhores; ha lá dentro em exposição uma criança com quatro cabeças e uma cobra com sete pés; entrem, meus senhores, o jaburú está funcionando, o bolo está quente, a banca é de cem! Não tenham medo da policia que a casa está garantida!"

E nessa lenga-lenga vae o camarada seduzindo uns e outros que, atraz de verem os taes *fenomenos* apregoados, acabam saindo com os bolsos *limpos*, graças aos taes "jaburús", "montes" e "pinguelins" que são o que ha de mais perfeito em materia de ladroeira.

Toda a gente vê isso, só a policia é que não, porque tem mais o que fazer e mal lhe chega o tempo, ás vezes, para apreender *O Riso*, que nenhum mal lhe faz.

Não somos para ai nenhuns *santinhos*, nem condenamos o jogo, não, senhor! A's vezes tambem fazemos a nossa fézinha no burro ou na vacca... mas o que se vê atualmente nesta Capital relativamente á jogatina, é simplesmente indecente.

O Brazil é positivamente uma grande terra!

**Deiró Junior.**



## Diversidade de sentença

O plebeu que é larapio expia no xadrez,  
A sua negra culpa horrenda de ladrão;  
Entre as grades crueis, amargas da prisão,  
Soluça o desgraçado o seu atróz revéz.

O fidalgo que furta é um typo mais cortez,  
Por isso elle destructa estima e protecção;  
Entre o goso feliz de algum nobre salão,  
Tem honras de doutor e fóros de Marquez.

O primeiro, ante o crime, é logo processado,  
E por não ter brazão que lhe confira o mérito,  
Ancia sob a Lei que o julga um scelerado.

O segundo, entretanto, após um falso inquerito,  
Que não encontra crime em torno do culpado,  
A Lei, que é sempre a Lei, lhe julga um benemerito.

**Florestan.**



— O Nicanor fez a apologia do Pinheiro e do Mario.

Accendeu uma vela a Deus e outra ao Diabo.



**Gravuras, Clichés e Ornamentos**

PHOTOGRAVURAS  
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

*Luiz Brun & Comp.*

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone entral 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO



## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para  
"O RISO"

deverá ser remetida á sua redacção á  
RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso... 200 réis

Nos Estados. 300 réis

Numero atrazado 300 réis

### ASSIGNATURAS

#### ANNO

Capital.. . . . . 10\$000

Exterior.. . . . . 12\$000

### Egua não é cavallo.

Numa cidade ingleza, a Prefeitura ordenara a construção de uma ponte, e para que ninguém transitasse por eila, a cavallo, e sim, a pé, mandou por em frente das obras da ponte em execução, uma cruz tosca em cujo centro estava escripto em letras gordas o seguinte aviso:— "E' prohibido passar a cavallo".

Além desse aviso, havia ainda um guarda para impedir que algum contraventor abuzasse ou desrespeitasse a ordem.

Um dia, vinha vindo em direcção da referida ponte, um inglez, cavalgando um bello animal.

Quando o guarda comprehendeu que o cavalleiro tencionava passar a ponte em questão, bradou-lhe: "O' lá, amigo, é prohibido passar montado a cavallo".

— Você está enganado, respondeu o outro.

— Não, senhor. Leia o aviso. Olhe ahi nessa cruz — "E' prohibido passar a cavallo".

— Sim, sim, disse o inglez que estava montado: "Mas isto não se entende comigo"

— Porque ?

— Porque a lei é clara. Prohibe passar a cavallo.

— E então ?!

— Eu vou montado numa egua,

— E'... é verdade. Cavallo nunca foi egua... pôde passar.

**Florestam**

### O eclipse

Desde uma semana que não se falava noutra coisa. O Mucio e o seu rival Avandava fizeram prophcias e contra-prophcias; os jornaes encheram-se de sabenças e photogravuras; os esculapios deram conselhos sobre o modo de olhar o phenomeno.

Approxima-se o dia, S. Ex. sabio amator de astronomia, parte precipitadamente a aggregar-se ás missões de sabios estrangeiros que estavam em «Passa-Quatro».

S. Ex. não levava muitos instrumentos. Além da sua proverbial intelligencia, S. Ex. levava os seus habituaes oculos escuros — oculos com que S. Ex. estuda os grandes problemas politicos nacionaes e estrangeiros.

Chega o dia, todos os narizes se voltam para o céu. E o sol? O sol... Nada. Deixou-se ficar em casa e encheu de decepções todos.

Houve uma escuridãosinha e a coisa não passou disso.

O meu amigo Bento que é um valente pessimista, disse-me:

— E' isto! Se fosse em outro paiz, a coisa se daria em maravilhosas condições, mas aqui! Foi aquella desgraça!



— O automovel do Jangote não paga imposto.

— Não fosse elle Infante.



### *Ameaças*

(A Chico Camello.)

O'ia italiano... cuidado;  
p'ra me chamá de veiaco,  
lave a bocca, marcriado,  
bóte a viola no sacco.

Não fosse eu tá no mercado  
seu dansadô de macaco...  
quem te vale é esse sordado,  
seu catinga de sovaco.

Se eu te pegasse na estrada  
te esbandaiava a barriga,  
despejando a tripaiada...

Feição de véia samôca:  
trave de juntá furniga  
bem nos cantinho da bocca

**Bastião de Praçununga.**



## Apresentação posthuma

Em o penultimo numero, sob a coloração rubra de uma pagina do «O Riso», pallido e sombrio erguia-se... (enganei-me) apparecia o primeiro capitulo do meu modesto trabalho — *Determinismo das coisas ou a logica dos tempos* — obra de um cerebro aparelhado ás grandes luctas e mutações da vida, dura portanto, como sóem ser todas, cujo effeito é natural.

Até aqui tudo claro como noite com estrella; o que, porém, não apparecia logo á frente, foi a *coisa* — o *homem* que o produziu e que é entre os seus semelhantes, um apostolo das verdades celestes, lunares, egypticas e terraqueas; abnegado como um frade de pedra — manso como as pombas implumes... que a fome já não compraz.

E assim, para que não escape eu tambem á regra, perei a *coisa* em seu logar, isto é, apresentar-me-hei, tal qual como sou, sem augmentar nem diminuir um ponto... um ponto... qualquer que seja; e, si tanto fôra possível — tal qual como nasci; mas as coisas crescem e o exemplar já agora seria volumoso e impressionador á vista: — em summa aqui vae quem sou e o que me fizeram ser.

Sou filho natural de meus paes, e por isso, sou legitimo, sem falsificação, misturas ou complicações — o que não acontece a muita gente que cáe do céu por descuido e aqui vindo, faz coisas de quebrar o arco-iris.

Ao que vim não sei bem; mas penso que para conhecer melhor de como em seis dias se fez obra tão grande, capaz de invejar ao Diabo se lhe dêssem soltura... do Inferno, d'onde nos vem o pão amassado com *accentos* de pronunciado labor; e como aqui estou e nasci no *paiz das maravilhas*, bebo ás vezes o *vinho quente* que escorre das cachólas molles, calado para que nenhum *vituperio* (perdigôto seria melhor) macule a taça cheia com que bebiam os nobres da Côte de Dom Polichinello.

Sem que fosse ouvido ou cheirado baptizaram-me na Santa Madre Igreja dos Papas e Curas, onde tudo se faz por obra e graça do Espirito Santo, e escolheram-me um nome terrivel, de guerra, de um general de tripas, digo, de tropas, obrigando-me assim a um esforço extraordinario para manter os seus effeitos... aliás benefica como se pode avaliar pela minha obra.

Cresci como cresce tudo natural-

mente e como tudo tem limite cheguei a ficar assim, como me poderão ver através dos profundos estudos philosophicos — grande como o cavallo de Troya — luminoso como o eclipse que a estas horas enche de luz a face da lua!

A virtude nôra em mim como o *caruncho* no páu pôdre; sou mais que um poço d'ellas — um oceano, mais, — um vácuo em que ellas actuum chocando-se como que para reproduzirem-se até que o espaço se dilate e vá *bater ás portas do infinito*...

Tenho por escôpo a modestia; raramente falando de mim, para melhor falar dos outros, ainda porque, como Socrates, conheço a mim mesmo pela reflexão... do espeelho, unico e verdadeiro amigo com que nos havemos no momentos difficeis de ajustar as roupas.

Tenho um coração sensível como os pneumaticos de automovel em mãos caminhos; e as doçuras que elle tem são tantas que o mal já se acabou e a cêra o entupiu, de modo que elle já não fala nem escuta, — vê apenas tudo com a desolação de cão faminto, e generoso que engeita até um osso que lhe dêm... já não tem dentes o coitado!...

Meu talento ainda que menor que os maiores, daria para governar tres republicas (iguales á amostra) mesmo que os thesouros se esgotassem e fosse preciso sahir em procissão para arrancar o povo da indifferença á ira do Senhor dos Exercitos — immolando a virgindade da espada com o sacrificio das boas intenções.

Oh! raio, oh! sol! que força é que me empurra aos grandes desatinos?!

A gloria me domina ás vezes e eu tenho esses arrebatamentos, mas não é sempre; agóra, porém, excedi-me, de modo a dar-vos apenas uma pequena idéia de que sou um perfeito specimen da forma humana, quando poderia fazer crêr que *sou... util inda brincando*.

Mas o que aqui fica dito vale por uma plataforma d'aquellas de encomenda; e apresentado que estou, continuarei em brêve a descrever a quadratura do circulo, pelos principios philosophicos de sabedoria popular.

Ruy Barbo



A Argentina, na sua constante emulação comnosco, está damnada com o eclipse que nos coube.

Sabemos que ella já encomiendou um para ella que terá lugar no anno que vem.

O PISO.



# O Piso

## Eu toco mas, não danso

O vigário Romão, da freguezia do «Pau Grande» cidade do interior de um dos Estados do Norte, era tido como um bom e grande pregador.

Diziam que, quando elle annunciava um sermão, a igreja da localidade era pequena para comportar a multidão de devotos que iam ouvir as palavras saturadas da mais sublime pureza evangelica, ditas pelo pio e sacro orador. E depois, quando o templo esvasiava, a cidade inteira, homens e mulheres, moços e velhos, crianças e adultos, guardavam bem dentro do coração, os santos conselhos que o reverendo Romão costumava dar-lhes, não só nos dias communis como, tambem nesses em que elle deitava falação.

Não havia ninguem no «Pau Grande» que não venerasse o *seu* vigário. E toda a vez que o *santo homem* fazia uma pregação fóra do programma, como por exemplo: o sermão de Lagrimas», o do «Encontro», ou da «Montanha», o jornalzinho que se editava no lugar, trazia na primeira columna o *veneravel* retrato do Ministro de Christo, acompanhado de bonitas palavras, florindo a sua biographia, constantemente publicada, escripta com amor e zelo, piedosa e religiosamente revista pelo redactor-chefe da «A Salvação», (assim se chamava o jornal), o Sr. Coronel da Guarda Nacional, Innocencio Modesto da Purificação, que era um fervorossissimo e ultramontano Catholico de quatro costados e meio.

Não havia escapatoria; quando o jornal estampava o *meigo* e *sereno* retrato do querido Pastor», a edição se esgotava immediatamente, porque a população, quasi toda, dava cabo da tiragem, sendo que, havia muitos devotos que não se contentavam com um numero só e compravam um e dois exemplares da folha do *seu* Innocencio.

Festa publica ou particular, reunião politica ou literaria, a nada disso o blandicioso Romão faltava. Era elle sempre o primeiro a ser convidado, porque ali na sua terra, ninguem dava um passo, sem consultar o padre mestre ou lhe pedir um conselho. As suas virtudes religiosas e os seus gestos civicos, faziam com que a sua reverendissima personalidade gozasse de uma consideração extraordinaria.

Bom catholico, bom cidadão, e sobretudo, e particularmente, era o manhoso Romão um grandissimo manganão de primeira.

De quando em vez elle dizia de si

para si, sentado na deliciosa espreguiçadeira, no seu confortavel gabinete de orações:

—Que gente tola, meu Deus! acredita piamente que eu sou um santo e que todas as minhas acções, são baseadas nas minhas convicções religiosas. Valha-me isto. Porque emquanto esse povo imbecil viver absolutamente e crente da *minha* santidade, eu irei gozando a vida regaladamente, recebendo de todos os lados, as provas mais vibrantes de solidariedade á *minha* immaculada virgindade profissional. Isso, povo ignorante! Mande-me gallinhas, perús porcos e bons vinhos, o «Madeira» especialmente, porque milhares de missas eu não deixarei de celebrar para o contentamento da tua estupidez e da tua boçalidade...

Ora, n'um domingo, esse *representante* do «martyr do Calvario», palestrando na sacristia com alguns devotos de *1ª classe*, dissera: «Hoje, antes de dar inicio ao sacro mister da missa, eu falarei, no correr do sermão sobre a gula.»

.....  
E falou mesmo, e de uma maneira clara, condemnando o comilão.

A sua criada, a velha Fortunata, que vivia na casa do vigário ha coisa de uns 15 annos, servindo-o com cuidado e carinho, ficou estupefacta ao ouvir as palavras do seu *divino* patrão, que condemnava a gula.

Todos os dias que Deus dava, ella ia á missa, e jamais ouvira o seu vigário falar d'aquella maneira sobre o peccado da gulodice. Por isto, teve arrepios medonhos, só em pensar no peccado que vinha commettendo diariamente, porque inconscientemente collocara o padre Romão no rol dos peccadores, em virtude dos pratos avantajados e saborosos que lhe apresentava quotidianamente, ou no almoço, ou no jantar, tornando-o desse modo um verdadeiro glutão.

Mas, nesse dia do sermão, ella mudou de rumo, receiosa da ruina da sua alma e a do *seu virtuoso* vigário. Este, quando chegou da igreja e que mandou pôr a «boia», e que se sentou para dar começo ao combate «gastronomico», ficou scandalizado diante da frugalidade do seu almoço, que consistia unicamente em um simples pedaço de carne secca e um pouco de farofa, e, então, admirado daquella metamorphose culinaria da Fortunata, indagou-lhe, cheio de surpresa:

—Então, não ha mais nada ahi pela cozinha, minha velha?

—Seu Vigário não disse hoje umas coisas no sermão...

# O Piso

—Disse sim. Falei sobre a gulodice. Mas o que tem isso com o meu almoço ?

—Eu peço perdão a vosmecê. Se eu soubesse ha mais tempo desse negocio, não sentiria agora, dentro de minha alma, o peso da culpa do peccado que o seu reverendo vem commettendo ha tanto tempo

—Que peccado é este ? Homem, e essa !

—Vosmecê não disse hoje no sermão que a gula era um peccado ?!

—Disse, minha boa velha Fortunata e sustento. E' um grande peccado, a gula.

—Então, como é que o seu Vigario queria que eu fiizesse no almoço uma porção de pratos para se empanturrar, gulosamente nelles, se vosmecê mesmo aconselha a abstinencia ?

—De modo que foi por isso que você mudou de regimem ?

—Sim, senhor. Para evitar a ruina de duas almas, e promover a salvação de dois peccadores. Eu porque faço a comida e vosmecê porque come em grande escala.

—Ai ! minha pobre Fortunata ! És bem mais tola do que eu julgava. Olha, nem tudo se traduz ao pé da letra, minha velha.

—Mas vosmecê não condemnou a gula ?!...

—Condemnei. Condemno. E, possuindo a mesma transcendencia da musica, eu toco, mas não danso.

**Esculhambofe.**



O futuro Congresso Operario está sendo organizado pela policia. Será, portanto, um congresso disciplinado.



## Museu de raridades

As pernas da Julia Martins

... a voz da Leontina Carusa

... o appellido da Dolores, do S. José

... os meninos do Figueiró

... a cábula do Frontin

... os amores do Candido Prefeital

... o sacrificio da Zazá

... os «typos» creados pelo actor Lino

Ribeiro

... a valentia da Mercedes Villa

... o falsete do Olympio Nogueira

... o azar do Raul Soares

... a gargalhada do Conceição.

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

N.º 2 PONTA DOURADA

✻ ✻ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✻ ✻



# O PISO

## ABRE MARIQUINHAS !

No dia seguinte ao de seu casamento o Sr. Fortunato resolveu ir gosar a «Lua de mel» em outra cidade. Escolheu a grande metropole—Paris—a cidade Luz—o centro de todos os prazeres, de todas as felicidades e de todas as alegrias, mas tambem o ponto predilecto de todos os criminosos, o foco de todas as miserias humanas, o «veio» das mais compungentissimas lagrimas, e finalmente, a «estação» de todas as tristezas.

Pois, foi esse o local que o nosso homem preferiu para o goso da sua grande ventura.

D. Mariquinhas, a joven esposa, não deu opinião nenhuma sobre a escolha. O que o seu maridinho fizesse estava muito bem feito.

Ella assignava em branco.

Assim, tudo combinado desse modo, partiram elles para aquella maravilhosa cidade de esplendores.

Depois de dez dias de viagem, desbarcaram em Paris. O primeiro cuidado do Fortunato foi procurar um bom hotel onde pudesse desfructar regaladamente a sua «Ella» em perspectiva de melação.

Esse hotel era muito popular e afreguezado, de sorte que o movimento ali era continuo, e, o esposo ancioso, querendo ficar sósinho com a sua não menos anciosa esposa, alheios aquella movimentação, a fim de gosarem o fructo dos seus amores, pediu elle, o Fortunato, ao gerente, que lhe desse os aposentos do ultimo andar, porque, dizia elle, sou um homem doente que necessito de todo o descanso.

—Não se impressione, disse o gerente: Eu tenho mesmo lá em cima optimos aposentos para o Sr.

—Bem. Então, eu fico com elles.

— Perfeitamente. Eu vou mandar preparar-los.

Diga-me uma coisa: E lá em cima o Sr. não tem hospedes que me incomodem?

—O'! Pode o Sr. ficar descansado. A não ser um inglez, não ha nenhuma outra pessoa.

— E esse inglez... Diabo... Esse inglez é quem vae interromper a minha tranquillidade

—O inglez?! ora, descance. Se o hotel pegasse fogo elle não arredaria o pé do seu quarto. Eu levo semanas que o não vejo.

— E' algum maluco?

—O'! não! tranquillize-se. Por elle o Sr. não terá incommodos.

—Bem. Neste caso, acceito. Eu vou sahir. Até logo.

—Au revoir, monsieur.

O casal andou pela cidade, jantou em um restaurant, apreciou ás vitrines, entrou no cinematographo, passeou de automovel, e quando já ia escurecendo voltou ao hotel.

Os referidos aposentos consistiam numa alcova, uma sala de refeições e um gabinete de leitura, onde tudo estava primorosamente asseiado, em ordem e luxuosamente preparado.

Quando o Fortunato subiu para os commodos disse á sua esposa: «Eis aqui o logar onde vae ser o nosso ninho por alguns dias, longe do mundo e fóra das vistas curiosas da humanidade».

A esposa, virgem de corpo e alma, nem pode responder, tão enleada estava, e apenas olhou ruborizando-se toda como que a dizer:

—Sim, eu sei o que é que tu queres.

—O' «filhinha», disse elle dessa vez beijando-a e abraçando-a. Vamos, meu anjo. Precisamos descansar. E' tarde. Anda. Deixa que eu dispa o teu corpo mimoso.

E ella, fugindo toda tremuía:

—O', não! Eu mesma tiro a minha roupa. Olhe eu vou despir-me naquelle gabinete. Sim? Depois eu volto. E dizendo isso, entrou no gabinete e trançou-se por dentro.

O Fortunato ficando só, despiu-se e em trajes de Adão, começou a fazer umas piruetas pelo quarto, antegosando as delicias que teria de gosar ao lado de sua querida esposa.

E então de vez em quando, elle ia observar pelo buraco da fechadura, se a sua adorada mulherzinha já tinha terminado. Nada viu, porque D. Mariquinhas tapou o buraco da fechadura. Por isso, o Fortunato principiou a supplicar de lá de fóra.

—Abre, Mariquinhas. Sou eu, meu anjo.

—Espere um pouco, sim?

—Abre, minha flor. Um instantinho.

—Eu abro já.

—O' filhinha, eu entro de vagar.

—Eu tenho medo.

—Deixa, sim? não faz mal.

—Tem pena de mim, Fortunato.

—Eu te amo muito. Abre, Mariquinhas.

# O RISO



Estava a coisa nessa situação quando bateram á porta.

O Fortunato vestiu-se e foi abrir a porta.

Era o visinho, o inglez.

O Fortunato perguntou-lhe :

—Que deseja o Sr. ?

—Fazer uma pedida á sua esposa.

—E que pedido é esse ?

—Mim vem pedir que ella abra logo.

Porque mim quer dorme, e com esse barulho de abra Marriquinhas, mim não pode dorme.

**Esculhambofe.**



Campo Santo do "O RISO"

**Lápides Lépidas**

P. SEGRETO

Quasi á expirar, quasi *in-extremis*,  
Mostrou desejo vehemente  
De ter sepulchro decente,  
De ter condigna jazida,  
E seu desejo esse, o ultimo,  
Foi muito bem respeitado :  
Pois foi, seu corpo, enterrado  
No...Pavilhão da Avenida.

**Ignòtus.**

## A colleccão

—Morava eu nesse tempo, já lá vão uns bons oito annos — morava eu nesse tempo numa pensão pela banda do Catete e como o estudo me atrahisse devêras, eu não me dava muito a conquistadas. Não era tanto o estudo só, mas tambem eu era nesse tempo muito tímido e tu sabes que quem é tímido, não arranja nada nessas coisas ; entretanto—como são as coisas !— diz-se que os mais tímidos são os mais amantes.

— As mulheres é que não são da nossa opinião.

— Sei bem Era dona da pensão uma franceza de seus quarenta annos, ainda passavel. Contrariamente ao uso corrente, não lhe fiz a corte e deixei que os outros a fizessem.



Creio que ella se aproveitou bem dessa liberdade, porquanto, durante um anno. eu a vi passar de mão em mão, isto é, sorrir trescalando desejo nos olhos para cada hospede seu.

Passou de um em um, e um dia reparei que ella me olhava muito particularmente. Corei.

—Tu !

—Eu, sim !

—Innocente !

—É porque não supportava aquelle olhar.

— Bem. Continua !

—A' noite, após todos se recolherem, fiquei no meu quarto a estudar e, como tencionasse sair á noite, para tomar café num botequim proximo, não fechei a porta do meu aposento. Estava muito bem na minha «descriptiva», quando vi entrar Madame em fraldas de camisa. Não me espantei e ella fingindo susto, foi dizendo:

—Que susto, doutor ! Vi uma coisa...

—Que foi, Mme. ?

—Um espectro...

Acalmou-se e, pelo meio da operação, ambos nós olhamos de certa maneira e foi aquella desgraça. Passou a noite toda no meu quarto e...

—Pudera ! Tinha visto almas do outro mundo !

—Ouve. Passou a noite toda no meu quarto e quando se foi, disse : era só você que me faltava provar. Entrou para a colleccão.

**Olé.**

# O PISO.

## PANTHEON DOS

### «IMMORRIVEIS»...



Ahi têm os leitores mais tres *vates* illustres ; mais tres *sêsquipedaes cultores* das Musas, as quaes, por não estarem pelos autos de os aturar pelo «Par-naso», nol-os mandaram afim de os incluirmos no numero dos *talentos* que já figuram no «Pantheon»...

Apresentamol-os pois, aos leitores, para que os admirem e *consagrem*...

### Amor

(Ao Nenéco)

Onde vaes meu amorzinho  
Menino tão bonitinho,  
Moreno, flor do sertão ?  
Eu de longe bem te furto  
O teu cachorro muito curto  
Que eu de longe grélo em vão.

Sou desde já teu escravo  
Por causa do boeiro bravo  
Que tens bem junto a ti.  
Era este o meu segredo  
Que eu ha muito tinha medo  
De confessar mesmo a ti.»

OCTACILIO DE A. VAZ LOBO.

Então você, *seu* grandissimo semvergonha, anda «grelando» de longe o «cachorro» do menino a quem dedica a sua *puésia*, hein ?

Na verdade, não admira que você o faça, porque afinal, isso de *grelar cachorros* é fructo da época... agora, o que faz admirar, é o facto de você confessar isso tão descaradamente, e o que é mais, numa *bersalheira* tão ordinaria !

Olhe, *seu* Octacilio, tenha cuidado para que não vire o feitiço contra o feitiçeiro... e que não seja o tal Nenéco o primeiro a estragar-lhe o *verso*...

—  
Aprecie agora o leitor este outro *talento* cuja *produção* se segue, e diga se não é mesmo um *prodigio*...

### Confissão

(A' P\*\*\*)

Trago meu peito em chamma, incendiado  
De amor, por ti, mulher mais que divina !  
Ao ver o teu olhar que me fascina  
Todu meu cerebro sinto transtornado !

Sinto que vou ficando amalucado  
E que esse grande amor que me domina  
Me levará por fim, oh ! triste sinal  
A commetter um misero attentado !

Sim, porque se tu não me attenderes  
Aos rógos, e outro ente escolheres,  
Juro por Deus que não lhe pertencerás !

Has de ser minha ; o coração aneia ;  
Si o não fores eu irei para a cadeia  
Mas tu, fica bem certa, morrerás !»

D. O. DATO R.

Sim, senhor, *seu* Deodato !, você, pelas intenções sinistras que manifesta, confirma plenamente o que confessa no seu *soneto* :—que está mesmo ficando amalucado, si é que a estas horas já não está maluco de todo !

Olhe, *seu* Deodato, não se impressione si a pequena não lhe ligar importancia ; e sobretudo não a mate por isso, porque, sobre ser isso uma grande tolice sua, você, além de assassino, passará a ser tambem uma cavalgada muito respeitavel, sabe ?

Tenha juizo, *seu* palerma ! Mulheres não faltam por este mundo.

—  
Para fechar a rosca apresentamos ainda ao leitor o *Immorrivel* que se segue, digno tambem de um bom par de ferraduras...

Admirem só esta *b'leza* :

### Conversa fiada

A noite vinha tombando !  
E o céu tornava-se escuro,  
Eu então lá fui trepando  
Como um gato sobre o muro.

Logo após a minha diva  
Commigo alli veio ter  
P'ra conversar, muito esquiva,  
Para a mãe d'ella não ver.

Mas de repente, que azar !  
Sem mesmo a gente esperar  
Surge um vulto no escuro.

A diva cahed'esmaiada  
E eu recebo uma pancada  
Que me fez cahir do muro.»

ZÊ CHICÃO.

Geralmente, *seu* Chicão, acontecem estas coisas a quem, como você,—salvo seja ! trepa sobre muros para conversar com a namorada ou coisa que o valha... e é por causa dessas trepações que muita gente se *estrepa*...

Agora, você é que foi um arara muito grande, esperando que lhe dessem a pancada que o fez ir do muro abaixo ; por isso, desculpe a franqueza, em vez de Zê Chicão você devia assignar Zê Broide, que assenta melhor...

# O Piso

## O meu coiósinho

CANÇONETA PARA MENINA

Musica do «Noivo fim de Seculo»

Anda agora toda a gente  
A fazer troça de mim,  
Porque tenho um coiósinho  
Oh! um coiósinho assim!

Nunca vi gente tão tola,  
Por tão pouco fazer troça;  
E isto coisa me parece  
—De gente vinda da roça;  
Nunca vi gente tão tola!

Não ha nada mais cacete,  
Do que ouvir a cada instante:  
«Como passa o seu coió?»  
E' preciso ter desplante!

Isto até parece inveja  
De solteironas beatas,  
Mas, si a coisa continua:  
—Vão todas plantar batatas!  
Isto até parece inveja!

Eu, si tenho um coiósinho,  
Esse coiósinho é meu:  
Ninguem tem nada com isso,  
Cada qual arranja o seu:

Nunca vi gente tão tola, etc.

Si gostam de algum menino,  
Ou mesmo de algum rapaz,  
E não sabem se arranjar,  
Ou como a coisa se faz

Venham todas ter commigo,  
Que o processo ensinarei,  
Comtando que em meu coió,  
—Falar em nunca ouvirei!  
Venham todas ter commigo!

Estou vendo que recusam  
A proposta que aqui faço,  
E, que em falar do *pequeno*  
Hei de ouvir a cada passo!

Isto até parece inveja, etc.

Gyl Maia

## Échos da Maison Moderne



*Ella* — O' mon chéri, je sais que tu seras très gentil avec moi, demain matin, n'est ce pas?

*Elle* (com seus botões) — Não ha duvida, sou irresistivel



Definição:

O Arsenal de Guerra do Brazil é o mais pacífico do mundo, por que não se occupa em nada que seja bellico.



—O Calmon quer ser nosso ministro na Argentina.

—Naturalmente elle deixará de vestir-se na «Barra do Rio».

A' VENDA

**O Album 3<sup>a</sup> série**  
da Bibliotheca de Cuspidos  
Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.  
Preço 1\$000 —::— Pelo correio 1\$500



## A distração do "seu" Fagundes

A distração é um defeito muito prejudicial, principalmente para aquelle que frequenta a sociedade. Ora, si a «roda» pequena nota esse defeito, imaginai agora a «roda» grande, que vive de «clho aberto» — arregalado — sempre á procura de uma novidade para produzir o escandalo. Ninguem deve distrahir-se, a meu ver, para não passar pela decepção de ser ridicularizado, ou apontado com um imbecil.

Eu penso assim. O *seu* Fagundes, porém, não pensava do mesmo modo, porque, de uma maneira extraordinaria, era elle um distrahido inveterado.

A sua distração ultrapassara ás raias do idiotismo.

Como elle eu ainda não tinha visto uma pessoa igual, tal a quantidade de respostas ditas sem cabimento, sem nexos e fóra do proposito que elle dava ás perguntas que se lhe faziam.

Do *seu* Fagundes ha muita coisa engraçada. Recordo-me ainda de duas respostas suas que produziram grande hilaridade no meio e local onde foram ellas proferidas.

Um dia, estava o nosso *heroe* sentado commodamente em torno de uma mesinha [do seu «Café» predilecto, quando um seu amigo que ia passando exclamou: «Por onde andou que tanto cabello criou, *seu* Fagundes? — ao que elle respondeu: — «Por aqui mesmo. E não ha uma só tarde que eu não venha tomar o meu cafésinho nesse local, apreciando ao mesmo tempo o borborinho desse povo que sua, cheiroso e fedorento, ouvindo milhares de asneiras ditas pelos nossos *dandys* que fazem daqui desta Avenida o *ponto* de todas as suas concentrações amorosas e clandestinas.

—Deixemos de parte esses tôles. Como vae a tua esposa?

—Vae bem. Morreu ha 16 dias.

De outra feita, o *seu* Fagundes fazia parte num jantar, em casa de um grande escriptor. Elle fôra convidado por um amigo, assiduo frequentador daquella casa, que o apresentou aos convivas que ali estavam e que iam frequentemente palestrar sobre literatura. Havia constantemente reuniões nessa casa, e a ellas não faltava nenhum dos convidados habituaes.

Embora o *seu* Fagundes não fosse conhecido pessoalmente, o seu nome, comtudo, não era de todo estranho na-

quelle meio, pois elle como poeta e jornalista já tinha dado que falar de si, pelos seus bellos trabalhos literarios.

A palestra ia em meio quando o criado veio anunciar que a mesa estava posta.

Sentaram-se todos á mesa.

A refeição já durava alguns minutos, e uma senhora, apaixonada literata, esquecida naturalmente dos principios da etiqueta, ou talvez por considerar muito intima demais aquella reunião, entrou a palestrar. E o facto é que horas depois, o pessoal todo entrava na palestra: comia e conversava, estabelecendo-se uma prosa animada entre toda a mesa.

—Dos escriptores, qual o da vossa predilecção, excellentissima? indagava um.

A madama respondia:

—Dos antigos, Voltaire; e dos modernos, Paulo de Kock.

—V. Ex, senhora Baroneza?

—Aprecio todos.—Dizendo isto, a titular olhou para o *seu* Fagundes, desejosa de saber a sua opinião a respeito do assumpto.

Mas, como elle estivesse de cabeça baixa, com um methodo religioso, comendo uma saborosa perna de carneiro, assada, nem reparou no olhar da senhora.

E' necessario que se saiba que o nosso homem em questão, dava um grande apreço a um bom jantar ou a um optimo almoço.

Para elle, estar sentado a uma mesa, era uma coisa seria.

Talvez até o acto mais grave e solenne e não exercesse nelle tanta fascinação. Por isso, quando elle se sentava numa mesa, não falava, não respondia, não ouvia e não olhava. Toda a sua concentração estava no prato.

Diante dessa siseudez mathematica, a referida Baroneza não pode deixar de perguntar, em voz baixa, ao escriptor, dono da casa, apontando para o Fagundes:

—Como se chama aquelle senhor?

—E' o Sr. Fagundes; bom poeta e bom jornalista. Póde dirigir-lhe qualquer pergunta. Elle é muito gentil e delicado.

—Sim!...

—Principalmente, tratando com senhoras.

—Bem. Neste caso, eu vou perguntar-lhe a sua opinião a respeito do grande escriptor da França—e olhando para o Fagundes tão entregue ao combate gastronomico, perguntou-lhe:

# O Piso

—O Dr. Fagundes gosta de Victor Hugo? e o pandego que nessa ocasião ia levando á bocca uma deliciosa coxa de gallinha, respondeu rapidamente revirando os olhos de prazer: «Pois, não, Ex., acceito um pedacinho, porém, sem molho!»

**Grumete.**



—Por causa de negocios de bois os deputados do Rio Grande ameaçaram-nos com a separação.

Está se vendo que não faltaram cufradas.



*Desillusão*



—P'ra que isso, Marcelle? Que te adianta te enfeitares tanto?!..

—Quero ser sempre agradável aos olhos do Ricardo.

—Qual, filha, são supposições. Ainda hontem viste como eu me preparei... pois bem, Jorge só fez caso de minhas costas.

## O disfarce

Bastos fôra toda a sua vida empregado na policia e, embora a nossa não tenha habitos de sagacidade, elle o tinha. Bem depressa, justamente, descobriu que a sua mulher o enganava.

Longe de fazer-lhe qualquer violencia, exprobar-lhe o procedimento ou outra qualquer coisa que é costume fazerem os maridos em taes casos, Bastos, dizia, contentava-se em seguir a mulher, transtornando-lhe as mais das vezes os planos.

Não havia ninho que elle não descobrisse e, por perversidade, apparecia no local, á hora do *rendez-vous*, empatava a mulher que ficava furiosa.

Outras vezes elle se disfarçava em criado, em carregador, ia até ao amante da mulher e avisava-o de que ella não viria.

Levou assim muito tempo, pregando peças sobre peças na sua cara metade que se aborrecia a valer.

Um bello dia elle resolveu pregar á peça maxima.

Sabia quem era o amante da mulher e sabia que ella se encontrava com elle na casa de F.

Disfarçou-se bem e foi para lá, onde ficou palestrando na sala de jantar.

Antes, tinha avisado ao amante de sua honesta esposa de que ella não iria.

A mulher chegou e foi direito á sala de jantar.

O disfarce de seu marido era tal que ella não o conheceu.

Como é natural, elles travaram conversa e vendo ella que o amante não vinha, poz-se logo a disposição de seu marido.

Foram para lugar mais recatado e lá conversaram mais intimamente.

Acabada a conversa, Bastos tirou os postigos e a mulher o reconheceu.

Não se espantou e só disse:

—Quando você é *outro* é mais gostoso.

Sahiram bons amigos e nunca mais Bastos empatou os amores da mulher.

**Xtm.**



A' S. Ex. perguntaram:

—Quando o eclipse não é parcial, como se chama?

— Imparcial.



## Theatro d' "O Riso"

### A Creoula e o Carregador

Parodia — arranjo á «Vas-sourinha e o Abanador.»

—Vãim-te cá, ó criôlinha;  
Vãim-te cá, ó criôlinha;  
Vãim-te cá, fál-o fabôr.  
Haisdi sêl-o mulher minha;  
Haisdi sêl-o mulher minha,  
O mêu lindo e rico amôr...  
    Vãim, criôlinha,  
    Tam vunitinha;  
Chega-te aqui, meu bem; fál-o fabôr.

—Vae... vae cavar tua vidinha...  
Vae, não sejas tão amolador.

—Dêsd'la minhão á tardinha;  
Dêsd'la minhão á tardinha,  
Qu'eu trabalho com ardôr,  
Mais, tãinho uma vuladinha»,  
Mais tãinha uma vuladinha,  
Qu'aqui 'stá, ó têu dispôr...  
    Vãim, criôlinha,  
    Tam vunitinha:  
Chega-te a mim, meu bem; fál-o fabôr.

—Vae... vae cavar tua vidinha...  
Vae, não sejas tão amolador.

—Eu tãinho, lá na Terrinha;  
Eu tãinha lá na Terrinha,  
Sete léguas ao redôr...  
E ámais tãinho uma casinha,  
E ámais tãinho uma casinha,  
Cáijo ingual á do Prior...  
    Vãim, criôlinha,  
    Tam vunitinha;  
Chega-te aqui, meu bem; fál-o fabôr...

—Vae... vae cavar tua vidinha...  
Vae, não sejas tão amolador.

—Hásdi aficar arrepêza,  
Hásdi aficar arrepêza,  
Despresando o meu amôr.  
A caveça, com certeza,  
M'a verias saimpre teza  
Ou no frio, ou no calor...  
    Vãim, criôlinha,  
    Tam vunitinha...  
Chega-te á mim, meu bem; fál-o fabôr.

—Vae. vae cavar tua vidinha...  
Vae, não sejas tão amolador.

**Escaravelho**

## Premières

ALEGRIAS DO LAR—Vau-deville em 3 actos — Cinema-Theatro Chantecler.

Após o incontestavel successo do vau-deville *Amor... e ovos*, deu-nos o actual conjuncto do Chantecler, em *première*, nesta temporada, o engraçadissimo vau-deville *Alegrias do lar*, cujo successo está tambem garantido e promette conservar-se por longo tempo no cartaz d'aquelle elegante Cinema.

Do desempenho do vaudeville, que foi perfeitamente regular, incumbiram-se Apollonia Pinto (*Mme. Tibaudière*), Germano Alves (*La Tibaudière*), Augusto Santos (*Barão de Ferillac*), Pedro Nunes, Leitão, Poggio, Fernanda, Dolores e outros, concorrendo cada qual na medida de suas forças para que a peça agradasse, como de facto agradou em absoluto.

Pela maneira porque se conduz, proporcionando ao publico verdadeiras horas de bom humor, tem a empreza do Chantecler o mais absoluto direito á recompensa do seu incontestavel esforço, e o publico, de certo, saberá cumprir o seu dever, esgotando sempre as lotações daquelle theatrinho. — E. D.



— O Raphael declarou que não perdôa.

— Não é possível! O Raphael é bom moço.



## Mala d' "O Riso"

Henrique G. de Mello — O seu soneto (!!!) intitulado *Carne*, e dedicado «ao portuguez da Padaria Japoneza», não pôde ser publicado porque está uma droga muito grande e é, além disso, muito livre; si o não fosse, estaria talvez figurando no «Pantheon», que é o lugar dos *talentos* do seu calibre...

K. Sto — Você é muito ingenuo, realmente! Olhe, besunte com vaselina e verá como é mais facil...

Thomé — Faz muita questão de saber o que nos perguntou? Pois então vá perguntal-o á sra. sua... avó, porque nós não sabemos;...

# O PISO.

## FILMS... COLORIDOS



Vieram nos contar que uma destas noites passadas o *Fiscal de Vehiculos* foi conversar com a Angelina 606 (ex-Lingua de Sogra) do S. José, no camarim da sua collega Concha, ficando o Esmeraldo de sentinella na porta dos fundos da caixa.

Isto é do mundo... mas, como S. Domingos não

quer que se saiba isso cá fóra, nós ficamos calados e não dizemos nada...

—Tambem nos disseram que a actriz A. Olga foi vista sobre uma *rocha* a comer uma *gambá* musical.

Então é porque tem bicho *carpinheiro*...

—Fomos informados pelo Natal Kiosqueiro, do Rio Branco, que a Leonor Buscapé provou ha dias umas *bolachas* que lhe deu a Mercedes Villa, por causa das suas saliencias com o Quintella.

Quem mandou a Leonor metter-se a sebo ?

—De volta da Hespanha, onde estive por espaço de tres mezes, veio trazer-nos a sua visita a corista Dolores Can... perdão! a corista Dolores, do S. José.

Muito gratos pela gentileza...

—Emquanto o Farofa se gaba de que a Mathilde Bocca Molle lhe proporcionou a audição de um solo de flauta, o Reis procura desmentir o camarada.

Queira Deus que essa encrenca não acabe ainda num duello a *floret*!...

—Disse-nos o Franklin que a Pepa já não passeia muito pelo *jardim* e que agora, durante a folga, anda comendo uma *baitata* alentada.

E o que tem o Franklin com isso ?

—Decididamente a Leonor Buscapé anda servindo de bombo de festa, pois além das *bolachas* que lhe deu a Mercedes, tambem *ganhou* outras do Orestes, por causa da celebre blusa furta-côres que lhe *custou* 14\$ no Parc.

Desta vez o Orestes, não enguliu a pillula !

—Disse-nos o Armando Estomago de Avestruz que o Machadinho Voz de Peixe está precisando de fazer uso do *Mucusan* para curar o medonho *esfriamento* que apanhou...

—Muito em segredo contou-nos a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, que a sua collega Palmyra Pilha Electrica, ha dias, só sahiu da caixa daquelle theatro ás 2 horas da madrugada.

Naturalmente ficou por lá a ensaiar ou... vice-versa...

—Até a ultima hora não constava que o Cartola do Rio Branco tivesse feito mais alguma das costumadas *fitas* por causa da sua *modesta* diva...

Qualquer dia elle fingirá outro *chilique*, a ver si consegue demovel-a.

—Disse-nos o Silveira, que a Julia Martins ficou muito satisfeita quando soube que a Mercedes tinha feito a Leonor de peteca.

Como é má a Julinha !...

### Operador.



Qual é a funcção do Teffé ?

—Intendente nos *menus plaisirs*.



— Que farias se a tua mulher te enganasse ?

— Penso nisso, ha bem dez annos.



— O Mauricio de Lacerda é contra a politica de clemencia.

— Será elle pela da "insolação" ?



— Que ha de novo sobre a duplicata de emprestimo ?

— O Seabra se fechou.

Já está á venda

O CHAMISCO  
OU  
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correlo 2\$000

# O PISO.

## BASTIDORES



Afinal, os taes *cavalheiros*, componentes do *complot* do Pavilhão, vendo que nada conseguiam com a campanha de desmoralisação iniciada contra o actor Nazareth, e receiosos de que lhes puzessemos a calva á mostra, publicando-lhes os nomes, resolveram desistir da idéa e... fizeram-se *amigos* do homem.

Agora, o actor Nazareth que se não esqueça da divisa do Marechal Floriano: «confiar desconfiando sempre...»

—A verdade é que a Zazá fez estalar as *castanhas* em plena face da Maria Amelia Reis e não foi para a «tabella»!

Ou não fosse ella a *estrella*...

—Muito mal fingido foi aquelle *chilique* da Candida Pauliteira, ha dias, no final do 1º acto do *Chegadinho*!

Nem nisto a gaja sabe ser artista!

—Disse-nos o Zé Alves Sandwich que a sua *collega* Lucilia Pose Esbelta foi ceiar com a Sylvina Poste da Light, na vespera da partida desta, e que a ceia constou de *miudos* e *fressuras*...

Mas que má lingua!

—Ao que parece, foi rescindido o *contracto* que a Celestina do Pavilhão havia firmado com o *seu* Gouveia...

A rescisão foi motivada, dizem, por causa de um *ponto*, que afinal pouco influiu no caso...

—Vendo as barbas do vizinho a arder, isto é, não querendo tambem apanhar umas *castanhas*, a Beatriz Martins pediu garantia e só trabalhou de *ordenação*...

—Mas, para que havia de dar agora o Leonardo Homem de Estudo: lançar vinho por todos os cantos e isso todos os dias!

Olhem que já é!

—Não haverá pelo Pavilhão quem veja os escandalosos signaes que todas as noites faz dos bastidores a corista Marietta aos *colôis* da 2ª sessão?

O' menina, dê uma folga nessa pouca vergonha!

—Disseram-nos que a *aquetriz* Davina, do S. Pedro, tem grande predilecção pela *Praia Grande*.

Será exacto ou mera chalaça da Esther?

—Mas que grande desavergonhada nos sahiu a tal menina Julia Gaivota de Oliveira, do Pavilhão, consentindo naquellas *brincadeiras* do Alberto Ferreira, á vista de toda a gente!

Olhem que por mais um pouco...

—Tambem, para que foi a Maria Amelia Reis dizer aquellas coisas, quando a Zazá diz que até está a «sacrificar-se para manter a linha»...?

—Disse-nos o Mario Brandão que o tenor Carvalho está bem precisando de entrar em uso do *Mucusan*, para curar um grande *esfriamento* que tem...

E o Lino Ribeiro confirma o que diz o Mario.

—Então, *seu* Lagos, a *mamã* Herminia, hein!...

Você sempre nos sahiu um grande pandego!

—Partindo para a Bahia com a companhia Taveira, veio trazer-nos o seu abraço de despedida o actor Alvaro d'Almeida, nosso já velho camarada.

Que bons ventos o levem e tornem a trazer, são os nossos votos.

—Foi tal a zaragata feita pela Maria Caveira, do Pavilhão, por não querer entrar em scena com o «bonde» (adereço) exigido pelo papel, que até os espectadores batiam com as bengalas e pediam silencio na caixa.

Inda bem que depois a gaja foi humildemente pedir desculpas ao Nazareth, pelas insolencias que lhe dissera.

Sempre queriamos que nos dissessem a razão porque a Zazá não foi para a «tabella»!

—Disse-nos o Alberto Ferreira que o Leonardo Homem de Estudo depois que se metteu a *guarda-roupa* tomou juizo e já não anda na parodia...

Sim, mas o Alberto é que não toma juizo nem a pau!

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.

## SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

801

### VICTORIEN DU SAUSSAY

#### CAPITULO V

Que sonhos encantadores eu me divertia a engendrar! Mas não estava ali, quasi nua, tão bella com o seu largo peitorador de taa il, o meu sonho?

Approxime-me de mansinho, sem ser visto, e com a alma ridente, roube-me um beijo no braço.

Volte-se, attonita, colorica, e gritos enfurecida:

— Saber que não gosto disso!

— Mas, em seguida, pediu-me perdão.

Filha tem cohera, apenas sentiu uma grande piedade de invadir-me o coração.

O que se passava, pois, naquelle cerebro? que pensamentos germinavam ali? O que iria o acaso fazer de nós?

De facto, á medida que Marcelle me sentia mais preso, de cada vez que lhe perdoava as suas coheras de creança cruel, que parecera adquirir de ante-mão toda a minha indulgencia, a minha amante tornava-se mais singularmente feroc, mais incompreensivelmente apaixonada, mais systematicamente trarel.

No principio da nossa ligacão, julgara adivinhar-lhe o carater que me parecera simples, melgo, muito terno. Agora, perdendo-me em conjecturas, por mais que tentasse agradar-lhe, por mais que procurasse provar-lhe que a amava positivamente, já não sabia discernir os actos que lhe levariam um sorriso aos labios, as palavras que a enfureciam.

E, contudo, passavamos horas de tal modo deliciosas, tinhamos tactas de prazer tão violentas, que me era impossivel duvidar que Marcelle me nao amasse.

Os amantes não se enganam com certos pormenores; ha casos que necessitam da parte de ambos o amor real; e, neste só a perversidade é impotente.

Certamente, nesses momentos, era eu objecto da mais absoluta ternura dessa mulher tão feroz d'alma, tão selvagem de instincto, de natureza tão positiva, que não podia semelhar-se a nenhuma outra nem na alma nem no semblante.

Marcelle era a unica mulher capaz de proceder assim. E, ao contacto quotidiano com o seu corpo, sob a lancinante perturbacão que me causavam o seu olhar azues, na estranha sensaçã da sua carne palpitante, tornara-me o amante-escravo que tudo tolera, que não se revoltu, que se indigna perante tanta autozidade soberana e se considera ainda muito feliz quando lhe fazem uma caricia.

De resto; o ar do campo tornara-a mais pallida, os olhos cercados de um traço negro, tornavam-se mysteriosos e a sua bellez pura parecia deslizar-se ainda mais.

Amava-a com todo o ardor possivel da paixã.

Uma tarde, passeavamos pela margem do Clot. O tempo estava esplendido, o sol radiante, a brisa fagueira; respiravamos os perfumes frescos e agradaveis que se evaporam dos prados verdes, das folhas e das rosas mal entreabertas.

Caminhavamos ao lado um do outro, contava-lhe uma velha historia de a reino de amantes. Marcelle escutava-me silenciosa, quasi sem.

Quando terminei a narrativa, disse-me brevemente:

— Devas, meu querido, le amanhã a Paris.

— Para que, meu amor?

— Já não tenho vestidos. Raignei alguns nos arbustos dos caminhos que temos percorrido, e os outros não me agradam. A minha trinda de quarto dar-te-lu uma mala cheia de lles. Tambem preciso de outros objectos de toilette. Voltaria no dia seguinte.

O seu pedido não me surpreendeu. Fura testemunha de varios accidentes succedidos nos vestidos.

De facto, tento para ali ido por poucos dias, a nossa villa-latura estava longe de terminar e não os faltam muitos objectos de vestuario de maior necessidade.

(Continua.)

**BROMIL**



**A SAÚDE DA MULHER**



## O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS attestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

## A Saúde da Mulher

é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as colicás, combate as hemorragias, alivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade critica.